



VILLA DE TORRES VEDRAS.

Está situada a mui antiga villa de Torres-Vedras nesta provincia da Estremadura, a sete leguas de Lisboa, em direcção quasi recta para o norte, distante da costa maritima mais proxima duas leguas, e das margens do Tejo cinco. O seu assento é plano, á excepção da parte que se altêa sobre o monte do castello do lado do sul, e ainda que por toda a parte a cercam montes, não lhe ficam tão sobranceiros que não deixem campo, por onde a vista se dilate por terreno aprazivel e cultivado em circumferencia de um quarto a meia legua, nem tão cerrados uns com os outros que ponham barreira aos ventos; antes estes soprando ás vezes rijamente pelas gargantas e quebradas varrem e limpam os ares, contribuindo para a salubridade da povoação, onde as molestias contagiosas são muito raras. Pelo norte, do nascente para o poente, a cinge e banha o pequeno rio Sissandro, cortado em torno da villa por tres pontes, a de rei, que dá sahida para os logares situados ao nascente e villas de Riba-Tejo; a da mentira para os que ficam ao norte e villas de Obidos e Caldas, como tambem para as da Lourinha e Peniche; a de S. Miguel para os que demoram ao poente e para a costa do oceano. Teve antigamente cêrca de muros, como demonstram os nomes dos bairros chamados, porta da varzea, de Santa Anna, da correioira, e os restos das muralhas, quasi de todo, sotterradas ou demolidas, que nos mesmos sitios se descobrem em alicerces d'outros edificios. As ruas evidenciam a sua antiguidade; são estreitas e sinuosas co-

Tom. IV. Outubro 17. — 1840.

mo as das cidades da idade media: na invasão franceza de 1810 foram destruidos os formosos passeios de arvoredos que guarneciam e amenisavam as entradas da villa.

Não é facil determinar a data da fundação de Torres-Vedras, ainda que o A. da Corogr. Portug., e Oliveira Freire a attribuem aos Turdulos, pondo-a no anno trinta e oito antes de Christo, estribando-se na auctoridade de Garibay liv. 5. cap. 10. Certo é que existia no tempo dos romanos, se estes a não fundaram, como o testificam as lapidas que nas suas vizinhanças se tem achado, duas das quaes (uma dellas copiada por Marinho nas *Antig. de Lisboa*) estão na quinta chamada da rainha, freguezia da Carvoeira; outra estava junto ao convento de augustinianos de Penafirme, e a traz o chronista Fr. Antonio da Purificação, e a quarta se vê, muito apagada ao lado da porta travessa da igreja parochial do logar de Matanças, da banda de fóra. (1) O nome de Torres-Vedras claramente deriva, por corruptela, de *Turres veteres* (torres velhas), expressão da baixa latinidade, pelo que pode concluir-se que lho impuseram os godos para differença de Torres-Novas. Parece não ter sido a antiga *Arandis* dos romanos, como pretendem Baudrand e Ortelio, porque segundo outros geographos *Arandis* estava situada na provincia do Alem-

(1) As letras, que se decifram, podem ver-se na 1.^a parte da Memoria sobre Torres-Vedras e seu Termo, escripta por Manuel Agostinho Madeira Torres, que vem na collecção *in folio* da Academia, e temos seguido nesta noticia.

tejo. Em tempo dos arabes floreceu esta villa; e o A. do *Sant. Marian.* em seu tom. 2.^o refere que os mouros a estimavam muito por ser de bons ares e de fertéis campos e deliciosos pomares, hortas e vinhas: e esta propriedade de sadia motivou acolher-se a ella muita gente em tempos de contagios que assolavam outras povoações.

D. Affonso Henriques, depois da tomada de Santarem e de Lisboa, passou a limpar de mouros o territorio desta provincia comprehendido entre o oceano e o Tejo, e em o numero das povoações subjugas entrou Torres-Vedras, como o epico portuguez cantou nestes versos:

Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde sôa
O tom de frescas aguas entre as pedras
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.
Lusiad. cant. 3.^o est. 61.

Dizem alguns que o mesmo inclito monarcha a fizesse reparar depois da conquista, povoando-a de novo, e concedendo-lhe foral, que não é hoje conhecido, porque o mais antigo que existe, lhe foi dado por D. Affonso 3.^o em 1228, e reformado por elrei D. Manuel, quando ordenou geraes providencias sobre os foraes; sendo a carta deste ultimo passada em Santarem no 1.^o de Junho de 1510. Na antiga divisão judicial e administrativa do reino era esta villa cabeça de comarca, creada por D. João 3.^o em 1533, e de uma provedoria; tinha assento em côrtes no banco 7.^o

Goizou Torres-Vedras por vezes a honra de ter sido residencia, ou côrte dos nossos soberanos: e houve nella paços reaes uns denominados *velhos*, e outros *novos*. Dos primeiros não restam vestigios; sabe-se tão somente que ficavam perto do castello no bairro chamado de *Carcavellos* para a parte do Sul, e que subsistiram até o seculo 16.^o segundo se deprehende de um alvará d'elrei D. Manuel de 12 de Outubro de 1518, no qual determina que *a capella, que ora se canta na capella dos paços velhos*, se remova para o convento da Graça: dos segundos ha pequenos restos no sitio onde estão os açougues publicos. Pelas chronicas e pelas datas d'algumas leis consta que D. Diniz, D. Affonso 4.^o, e D. Fernando estiveram algumas vezes, ainda que com breve demora, nesta villa, como tambem D. Duarte, tendo D. João 1.^o reunido na mesma um conselho em 1413 para decidir a empresa de Ceuta. Durante a regencia do infante D. Pedro na menoridade de seu sobrinho D. Affonso 5.^o, celebraram-se em Torres-Vedras as côrtes de 1441 para tratarem do casamento d'elrei com sua prima, D. Isabel, filha do mesmo regente, e proverem n'outros objectos tocantes ao bem do reino. Por não sermos prolixos diremos que muitos dos monarchas, que depois empunharam o sceptro, visitaram esta villa, ainda depois de extinctos os paços; não omitiremos comtudo que D. João 2.^o, por occasião da morte desastrosa do herdeiro da corôa, veio com a rainha sua esposa recolher-se por alguns dias e praticar exercicios de piedade no convento de Vatojo, situado muito perto de Torres-Vedras.

Parece por documentos existentes que algumas das nossas antigas rainhas tiveram esta villa em seu patrimonio e dotação, a contar de D. Brites, mulher de D. Affonso 3.^o, fundadora dos paços velhos e da capella real nos mesmos erecta: entre as mesmas merece particular menção D. Leonor, mulher de elrei D. Duarte, que instituiu sete mercearias a beneficio de donzellas ou viuas honestas, necessitadas, e dalli naturaes, recebendo cada uma annualmente 64 alqueires de trigo e 240 réis, que lhes eram pagos, o trigo

pelo celleiro das jugadas e a pitaça pelo coffre das sizas; mas como as jugadas se extinguiram, provavelmente com o tributo acabariam as mercearias. Tambem algumas das infantas, filhas dos nossos reis, gosaram o senhorio de Torres-Vedras, depois do que teve a villa seus alcaides-môres, que acabaram na pessoa de D. João Soares de Alarcão, que se tinha bandeado com os castelhanos na feliz aclamação do Sr. D. João 4.^o—Todos sabem que em nossos dias foi conferido a Lord Wellington o titulo de Marquez de Torres-Vedras.

Eis-nos chegados á epocha em que a villa adquiriu grande celebridade dentro e fóra do reino, quando para repellir a ultima invasão franceza (pelo exercito do general Massena em 1810) se construíram as extensas obras de fortificação, conhecidas pelo nome de *Linhas de defeza de Torres-Vedras*, que a acção do tempo tem pouco a pouco demolido, e que mereceriam ser conservadas como monumento se não exigissem grande dispendio para seu reparo e manutenção, e ao mesmo tempo grande força de tropas para as guarnecer em qualquer caso urgente: acerca dellas escreveu um official inglez uma memoria especial. Estas fortificações, que abrangiam mui consideravel espaço de terreno, bem defendidas eram inexpugnaveis. A primeira linha de defeza tinha principio na villa da Alhandra sobre o Tejo e vinha ligar-se com os fortes construidos sobre a villa de Torres-Vedras (2): na distribuição do serviço dividiu-se em tres districtos; o primeiro, começando pela esquerda, denominou-se de *Torres-Vedras*; o segundo, do *Sobral*, no centro; o terceiro, d'*Alhandra*, que se apoiava no Tejo. Nas costas della havia uma segunda linha, que corria toda fóra do termo de Torres. No 1.^o districto da primeira, havia 32 reductos, contando o castello da villa, com 156 peças d'artilheria, dos calibres 6, 9 e 12, e 3 obuzes de 5 $\frac{1}{2}$ polleg.; no 2.^o districto, do Sobral de Monte-agraço, contavam-se onze reductos ou fortes com 54 peças dos mesmos calibres e tres obuzes, e finalmente no d'Alhandra, havia 30 com 36 peças d'artilheria: ao todo 302 bôcas de fogo. Não foi possivel alcantar um calculo exacto do valor das despezas destas obras, mas pode suppor-se á vista do que diz Madeira Torres na sua descripção; isto é, que na obra das estradas militares comprehendidas no termo de Torres, em que effectiva e activamente se trabalhou desde a invasão de 1810, e pelos annos de 1811 e 1812, continuando depois, porem escassamente, até Julho de 1814, se empregaram por semana, alem dos officiaes militares, acima de 900 operarios, trabalhadores e de varios officios e lavradores com carros, sendo essa totalidade *detalhada* (como serviço) pelas capitancias-mores de ordenanças do termo de Lisboa, de Cintra, de Alemquer, do Gradil, de Aldeagallega da Merceana e de Torres: de forma que se avalia a despeza liquida e total daquelles trabalhos em cento e setenta contos de réis, e a dos mesmos no districto da direita em cento e noventa contos, e que as obras dos reductos novos, construidos pelo mesmo tempo montaram pelo menos a igual importancia, e as dos outros, feitos pouco antes da invasão, deviam avultar a muito mais, porque só as dos dois grandes fortes do Sobral e de S. Vicente se julgam passar de trescentos mil cruzados; ora juntando a isto o valor das lenhas, madeiras, e petrechos, e dos predios occupados ou demolidos, presume-se quão enorme seria a quantia, se della houvesse contas geraes e todo o serviço fosse pago.

Cabe agora neste logar fazermos menção abbreviada dos monumentos notaveis desta povoação e suas visinhanças, em que por sua antiguidade deve ter a

(2) Para mais particular noticia veja-se a cit. Mem.

preferencia o castello, de que acima fallámos, o qual está assentado sobre um monte, sobranceiro não só á villa, mas tambem aos campos proximos e ás estradas, que partem de Torres, ponto central, como outros tantos raios d'um círculo para os logares do termo; este cerro, desacompanhado d'outra qualquer eminencia, é de tão regular figura desde a base até a corôa que parece affeçoado por humana industria; delle diz o chronista, Fernão Lopes, na Chr. de D. João 1.^o part. 1.^a cap. 16 — « É este logar de Torres-Vedras é uma fortaleza assentada em cima d'um formoso monte, o qual a natureza gerou em tão ordenada igualdade, como se á mão fôra feito artificialmente. — » O castello tem uma só porta, e a muralha exterior é lançada a pouco mais de meia altura do monte: no alto se conservam as paredes d'um edificio vasto, onde antes do terremoto do seculo passado havia quartos divididos e habitaveis: teve tres cisternas e um caminho subterraneo pelo qual se descia á margem do Sisandro. Reparou-o elrei D. Fernando, e parece que tambem elrei D. Manuel, como dá a entender a divisa de seu reinado nas armas collocadas sobre a porta.

Merece tambem attenção a obra regia e antiga do aqueducto e fonte principal, chamada dos Canos. — « Esta fonte consta de dois tanques; o superior, onde de duas bicas cahe a agua para uso da gente, por ser cuberto d'abobada, suspensa entre a parede em que estão cravadas as bicas e uma arca da que discorre como em semi-circulo na frente da mesma parede e a fechar com ella, distribuida em cinco arcos ou porticos, tudo de pedraria lavrada segundo a architectura chamada gothica; por cuja circumstancia se faz mais digna do apreço dos homens intelligentes, assim nacionaes como estrangeiros, especialmente inglezes, não se contentando só de observa-la, mas levando-a desenhada. O tanque inferior, onde pela boca de dois golpinhos esculpidos em boa pedra cahe a agua para uso dos animaes, é nobre por muito espaçoso e regular; porem é moderno. Muito superior ainda pelo seu grande custo e antiguidade é o aqueducto, que tem a extensão de um quarto de legua, vindo occulto debaixo da terra metade desta distancia, e pela outra sobre arcos, uns dobrados e outros simples, havendo entre todos dois bastante notaveis pela sua altura e construcção, os quaes são os que cortam a estrada real e o rio, não podendo hoje calcular-se exactamente a profundidade deste por haver subido muito o alveo, e juntamente o terreno adjacente. — »

No termo de Torres se alevanta um monumento moderno, que o é da illustrada caridade d'uma piedosa e benefica princeza: fallámos do amplo e comodo hospital para militares pobres e invalidos, erecto na quinta junto ao logar de Runa pela serenissima princeza viuva de sempre gloriosa recordação, cuja memoria se perpetua em duas lapidas sobre os porticos lateraes da frente do edificio, com as seguintes inscripções. — *A Serenissima Princesa do Brasil, a S.^{ra} D. Maria Francisca Benedicta, Viuva do Seren. Princ. O S.^r D. José, de saudosa memoria, Filha do S.^r Rei, D. José 1.^o, liberal e piedosa com os benemeritos da patria, fundou este sumptuoso edificio a bem dos soldados invalidos.* — Outra. — *Principiou-se aos 18 de Junho de 1792, anno 16.^o do reinado da S.^{ra} D. Maria 1.^a, Rainha Vid., Augusta Irmaõ de S. A. R.* — Depois que voltou do Brasil com a real familia, restituída á patria, a illustre fundadora até a sua morte se desvelou em continuar e beneficiar este estabelecimento. É um bello edificio, que exteriormente tem a figura d'um longo quadrilatero, abrangendo no

seu espaço todos os quartos, corredores, e officinas convenientes ao fim a que fôra destinado, dispostos em tres ordens, alem do palacete com boas salas e camaras proprias para residencia da augusta princeza, que folgava muito de visitar a sua obra: a formosa igreja que serve de capella é forrada no interior de excellentes marmores, arrancados das pedreiras que se descobriram nos logares de Figueiredo e Furadeiro. — Chamamos a attenção dos nossos leitores, e especialmente a dos que presidem ao destino da nação, para as linhas que sobre esta piedosa instituição ficaram escriptas a pag. 203 do 2.^o vol. do Panorama: e fazemos sinceros votos do coração por que se não frustre com o lapso dos tempos e a falta d'auxilios a bemfazeja intenção da magnanima princeza, que tinha convenientemente dotado este vantajoso estabelecimento.

Voltando a Torres a acharemos dividida em quatro parochias, que comprehenderão de tres a quatro mil habitantes. A mais antiga, Santa Maria do Castello, cujo nome indica a sua situação, tem no termo duas freguezias filiaes; a de Santa Maria Magdalena do Trocifal, cujo templo de uma só nave contem onze altares, por onde póde avaliar-se a sua grandeza; a etymologia do nome do logar [segundo nos informou o nosso assignante, o Sr. J. Sabino dos Santos Ramos, natural do mesmo] vem da phrase latina *turci falsi* (*turcos falsos*), e provavelmente deriva de algum acontecimento ahí succedido na dominação dos arabes; e por corrupção de palavras com o andar dos tempos degenerou *turci falsi* no vocabulo *Trocifal*; a outra filial é S. Pedro dos grilhões, da Azoeira, onde ha a rica ermida da Sr.^a do Livramento, a que se fazem muitas romagens, e onde vão sirios de festeiros de varias partes em alguns tempos do anno. S. Pedro dos Dois-Portos anda tambem annexa á parochia de Santa Maria. A segunda parochial de Torres é S. Pedro, que tem cinco freguezias ruraes annexas: a terceira, S. Thiago, com tres filiaes, e n'uma dellas é sita [no logar da Lobagueira] a ermida do titulo da Sr.^a da Encarnação, muito festejada e frequentada de romarias: a quarta é S. Miguel, no arrabalde, entre as faldas do môrro do castello e as margens do Sisandro, com seis filiaes no termo.

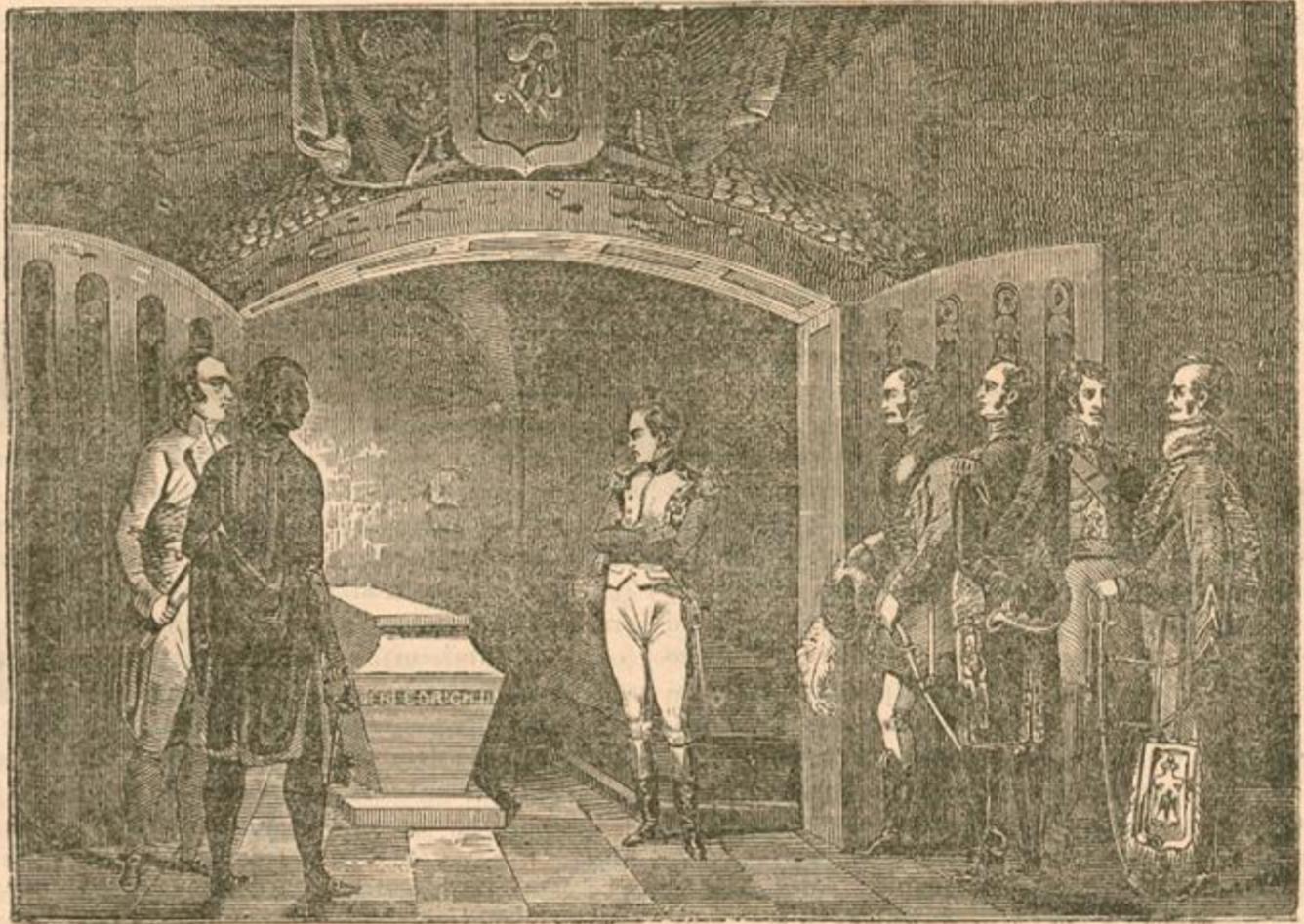
A' sahida da villa, no topo do melhor largo ou praça della, e situado sobre a estrada principal para Lisboa, está o abolido convento de eremitas de Santo Agostinho calçados, que tivera a primitiva fundação no centro da villa, defronte da igreja de S. Thiago, em tempo de D. Affonso 3.^o; foi delle prelado S. Gonçalo de Lagos, que a camara de Torres desde 1495 tomou por patrono: da mesma provincia augustiniana era o convento de Penafirme, visinho ao logar da Povia, e pouco distante do oceano; goza da reputação de ser o primeiro da sua ordem na Hespanha: ácerca d'ambos podem consultar-se, para mais ampla noticia, o chronista da sua provincia, Fr. Antonio da Purificação, e a Memoria que temos citado, por Madeira Torres. Quasi no suburbio da villa, na distancia de quarto de legua, está o convento de Santo Antonio de Varatojo, bem conhecido no reino pelos missionarios, que dalli sahiam: fundou-o elrei D. Affonso 5.^o em 1470 n'uma granja e casa de campo que no dito sitio possuía: e ha ácerca desta casa religiosa um escripto especial, intitulado *Historia da fundação do real convento e seminario de Varatojo*. Finalmente na distancia de quasi meia legua ao sul de Torres, a ultima filha de D. Manuel, a infanta D. Maria, donataria da villa, e celebre pelo seu muito amor ás lettras, fez erigir o convento, da invocação da

Sr.^a dos Anjos, de religiosos arrabidos, pelos annos de 1570: no altar collateral da parte do Evangelho foi sepultado João de Teive, contador-mór destes reinos, durante o espaço de 36 annos, e que foi empregado em negocios de grande monta por todos os reis successivamente desde D. João 3.^o até Filippe 3.^o do nome.

Tem mais esta villa uma Santa Casa da Misericordia bem dotada, com bom hospital, e bella igreja acompanhada de magnifica sachristia: dos seus fundos e encargos pouco mais ou menos se julgará pelo seguinte: — Em 1813 teve de rendimento 2:418 \$ 428 rs. e despendeu 2:187 \$ 130 rs.: em 1817

cobrou 1:192 \$ 614 rs. e gastou 1:315 \$ 084 rs.: variando a receita e despeza annuaes, segundo as necessidades do tempo e a boa ou má administração, como acontece a todos os estabelecimentos de semelhante natureza,

O termo de Torres é fecundo e abundante de fructos, especialmente de vinhos, os quaes segundo o testemunho dos geographos, Carvalho, e Oliveira Freire, se chegaram a exportar em tempos mais antigos para os estados da India em grande quantidade. O mercado de Torres é bem provido de todos os generos necessarios á vida; e são delectosas vivendas muitos dos logares do seu termo.



NAPOLEÃO VISITANDO O TUMULO DE FREDERICO 2.^o

TENDO ganho a memoravel batalha de Jena, marchou Napoleão sobre Berlin, e a capital da Prussia se lhe rendeu em Outubro de 1806. O nome e a gloria de Frederico, por antonomasia, o *grande*, tinham assombrado o seculo 18.^o; e Buonaparte dedicava todos os estudos militares á comparação incessante da tactica deste guerreiro com a dos illustres generaes, que o precederam, Cesar, Turenne, Condé, o grande, Montecuculli e o principe Eugenio, sobretudo admirava os planos de campanha de Frederico na guerra dos sete annos, pelo que chegou a Berlin todo preocupado com os feitos d'armas e militar pericia do seu heroe. Mas parece que ao mesmo tempo duas eram as suas ideas fixas; apagar a memoria dos trophéus de Rosbach, onde o antigo exercito francez fôra desbaratado, arrancando as bandeiras francezas penduradas no castello de Postdam; e fazer sua visita ao tumulo do rei da Prussia, como quem lastimava dois casos fataes e vestia dois lutos, pelo insigne capitão havia tempos extincto, e pela grande monarchia que naquelle momento desabava. Estas profundas considerações levaram Napoleão a Postdam, aos 24 d'Outubro de 1806, a visitar o jazigo, onde repousayam as cinzas do *grande Frederico*,

cujos nome elle nunca pronunciára sem mostras d'enthusiasmo; alli achou a espada, o cordão das ordens militares, a banda daquelle principe, e as bandeiras da sua guarda durante a guerra dos sete annos, e então o imperador exclamou: — “Trophéus são estes que prefiro a vinte milhões: farei delles presente aos meus veteranos das campanhas do Hanover: os invalidos os conservarão como testemunhos das victorias do *exercito grande* e da vingança que tirámos do desastre de Rosbach. —”

Deixemos agora fallar o duque de Rovigo, que, com o general Duroc e dois ajudantes de campo, acompanhou Buonaparte nesta digressão. — “O primeiro cuidado do imperador foi correr o castello; notou a belleza deste e somente fez reflexões sobre a natureza do terreno em que está construida tão formosa habitação, o qual tão pouco adequado é á vegetação que as arvores não podem chegar á altura mais commum de suas especies. Examinou attentamente o quarto do grande Frederico, que tem sido religiosamente respeitado, nenhum dos moveis está fora do seu antigo logar, e por certo que o apreço lhes não vem da magnificencia, porque não ha lojas d'adellos em Paris onde se encontrem trastes mais simples e triviaes:

a meza para escrever pareceu-me da casta daquellas que usam os tabelliães velhos em França: o tinteiro de Frederico ainda lá está em cima della. O imperador abriu muitos livros, que sabia que o grande monarcha lia com preferencia e observou as notas marginaes pelo mesmo escriptas; muitas eram bastante demonstrativas de agastamento. Quiz o imperador tambem passar pela porta, por onde Frederico descia para o terrado do lado do jardim, assim como por outra por onde sahia a passar revista na grande planicie areenta, proxima ao castello. — ”

Napoleão ia fardado com o uniforme historico de coronel dos caçadores da guarda: a sua physionomia, grave habitualmente, se espraçou pouco a pouco ao chegar á residencia na vida, e logar de repouso na morte, do seu heroe. Guardava a grade da escada do carneiro um invalido, coberto de cicatrizes e de cabellos brancos, que militára na famosa guerra dos sete annos; era d'aquelles soldados que Napoleão muito folgava de conhecer e recompensar; por via do general Duroc, que fallava bem allemão, o interrogou acerca da vida e habitos militares de Frederico. Desceu o imperador alguns degraus e entrou no carneiro com a cabeça descoberta; e tomando a attitude que inculca solemne reflexão, poz-se, de braços cruzados, defronte do singelo monumento: assim permaneceu por dez minutos dirigindo a Duroc, de quando em quando, algumas palavras soltas. Que nuvem de pensamentos redemoínharia naquella cabeça! Quantas meditações profundas sobre os acasos das victorias e a varia fortuna das armas!... Mal pensaria elle então no que depois succedeu em Waterloo:... e que ainda mais singelo que esse que contemplava havia ser o seu tumulo no penhasco de St.^a Helena!... Muito menos podia presumir que á politica magnanima e á generosidade de Luiz Philippe de Orleans viria a dever um nobre mausoleu digno da sua memoria!...

REFLEXÕES SOBRE A MORTE.

2.^o*Morte violenta.*

TRATAR da morte como cessação da vida sem relação á alma racional, mas sim ao padecimento do corpo quando experimenta a sua destruição antes do praso marcado pela natureza, é o assumpto deste artigo, e por isso descreveremos concisamente os diferentes methodos praticados nas nações civilizadas para executar a pena de morte nos criminosos; comparando tambem o grande soffrimento dos infelizes justicados, pelos signaes exteriores da sua agonia. As nações, á medida que se civilisam, procuram moderar a execução da pena de morte, com o fim de torna-la menos cruel aos que a soffrem, e menos horrorosa a quem a presenciam. Não fallaremos das nações barbaras, entre as quaes é um deleite para qualquer membro da tribu atormentar o condemnado, que, por sua parte, provoca os inimigos a duplicarem as crueldades. Tambem não mencionaremos os castigos que a França civilizada impunha aos regicidas antes da revolução, taes como atenazarem com ferro em brasa, esquartejar em vida; nem as fogueiras da inquisição; nem o empalar (1), como praticavam os semi-barbaros mahometanos; nem a cruelissima pena do *knout* (2) como se usa fazer na Russia.

(1) Metter um pau aguçado pela parte posterior do corpo até sahir á cabeça.

(2) *Knout*: consiste este castigo em atar os criminosos a

A pena de forza executada por varios modos era, ao que parece, a de que se serviam os gregos e romanos. Os judeus tinham a da crucifixão. Os gregos costumavam, sem exemplo n'outras nações, ministrar a morte propinando veneno. Os castigos mui severos do codigo romano foram abolidos no tempo da republica, e depois renovados por alguns imperadores. A pena de morte applica-se nas nações modernas das maneiras seguintes: — na Turquia o castigo plebeu é metter o réu dentro de um sacco e lança-lo ao mar: — o modo mais decente consiste em o enforcar com um laço puchado por dois verdugos. Na Prussia ata-se ao cepo a cabeça do justicado para lh'a separar um cutello bem pesado. A pena de forza é tida na Alemanha como infamante; substitue-a por isso quasi sempre a degolação, mas de modo que o golpe por incerto não é tão decisivo como ao paciente convinha. Na Austria, Italia, Inglaterra, Portugal e outras nações da Europa e America é a pena de forza a de que geralmente se faz uso. Na Hespanha ha o garrote, e em França a *guilhotina*.

Ácerca destes castigos se levantaram derradeiramente questões mui curiosas entre os mais distinctos physiologistas; porem, emquanto a nós, não será facil resolver as duvidas, *por falta de testemunhas que declarem a verdade!* Pretende saber-se qual é o supplicio que menos atormenta o individuo que nelle perde a vida. Mr. Guillotin (3) propoz á assemblea revolucionaria de França o uso da machina fatal a que deu o nome, persuadido de que por ella se obtinha o meio menos doloroso de tirar a vida ao justicado; e esta supposição, que ganhou credito na Convenção, sancionou em França aquelle genero de pena ultima. Havendo porem rasões para julgar inteiramente o contrario, propoz a academia franceza em 1833 o exame deste assumpto pelos S.^{res} Magendie, Flourens, Soemmering, Castel, e outros distinctos medicos assaz conhecidos e habeis anatomicos praticos. Magendie, Flourens e outros opinaram que a degolação não causava soffrimento physico; Soemmering e Castel sustentavam ao contrario que a *guilhotina* atormentava muito mais que qualquer outro supplicio. Como todos estes professores fallavam segundo a sua opinião, mas nenhum delles podia fallar *segundo a experiencia*, ficou o problema envolto no mesmo véu tenebroso em que até alli jazêra. Todavia ha uma differença essencial nas rasões allegadas por ambas as partes; — os defensores da degolação não teem a seu favor mais que supposições, ao passo que os seus contrarios abonam as suas doutrinas com os signaes exteriores dos padecentes. A morte menos cruel é a que extingue mais brevemente a sensação e a vida; e por isso muitos condemnam a *guilhotina* por causar mui prolongados estremeçimentos no corpo, exercitando penosa influencia nas operações mentaes. Mencionaremos agora varias observações feitas sobre esta materia, confirmadas por pessoas entendidas e dignas de fé.

Marat — o sanguisedento republicano — foi assassinado pela joven Carlota Corday (4) que depois foi guilhotinada em Julho de 1793. A gentalha de París, fanatisada pela revolução, concorreu pressurosa dois postes, açoitando-os com um chicote de ponta entretecida com arame, de fórma que a cada açoute sahe um jorro de sangue. Poucos deixavam de fallecer aos cem golpes. Actualmente dão-lhes alguns açoutes, e os mandam logo desterrados para a Siberia.

(3) Mr. Guillotin não foi o inventor da *guilhotina*. Vid. Panorama vol. 2.^o pag. 279.

(4) Achará o leitor a biographia e o retrato de Carlota Corday a pag. 332 do vol. 3.^o

a ver o supplicio da malfadada heroína. O verdugo apenas lhe separou a cabeça com a fatal segure, pegou-lhe pelos cabellos para a mostrar ao povo; e requeintando na vileza do seu officio lhe deu uma bofetada. A cara da justigada, como que horrorizada deste procedimento, fez um gesto expressivo da maior indignação. Isto que alguém observou, não foi accreditado pelo vulgo, e hoje é tido em conta de fabula. O general Marceau pretendeu salvar a joven e formosa heroína de Vendée; porem Robespierre, a quem ella foi denunciada, a sentenciou á morte. Esta mulher, dotada de extraordinario animo, posto que contasse apenas dezeseite annos subiu ao cadafalso com passo firme, levando na boca uma rosa artificial em memoria do amor do marechal Marceau. A cabeça decepada conservava ainda a rosa segura nos dentes quando o verdugo a expoz ao publico, vendo-se claramente o esforgo que fazia para que não cahisse a flor. Houve quem pensasse que a rosa era uma posta de sangue, como se o sangue podesse coalhar no corpo vivo de uma pessoa moça. Mr. Mathews, moderno viajante, presenciou varios supplicios de guilhotina; porque aproximando-se algumas vezes ao patibulo quando o carrasco mostrava a cabeça aos circumstantes, segundo o costume, conseguiu descobrir no semblante signaes de dor, colera, espanto e horror. Mojou, professor de phisiologia em Genova, appresentou aos facultativos uma serie de investigações sobre os effeitos da guilhotina. A duas cabeças collocadas em frente de luz forte, um quarto de hora depois de guilhotinadas, cerraram-se-lhes as palpebras no mesmo instante, como se a luz lhes offendêra a vista. Em outra cabeça em que se via a lingua fóra da boca foi esta picada, e recolhendo-se logo, expressou o semblante sensação e dor. O caso porem mais singular emquanto á percepção dos sentidos, é o acontecido com a cabeça do guilhotinado Tellier, a qual posta sobre uma mesa a fim de ser examinada, voltava-se para todos os lados donde ouvia pronunciar o seu nome.

O uso de amarrar ao cadafalso os corpos decapitados logo depois da execução, não permite que sobre elles se façam mui frequentes investigações; comtudo parece certo haver exemplos de alguns se terem posto em pé e até darem passos no patibulo. Como sabemos este caso só pelo ouvir contar, referiremos outro que se acha authenticado.

Ha poucos annos foi guilhotinado em Abbeville um réu sem parentes nem relações naquella cidade. Um accendedor de candieiros da mesma, irmão da confraria da caridade, cujo mister é sepultar gratuitamente os justigados, ou quaesquer defunctos desconhecidos, pediu o corpo á justiça levando o esquite para o recolher. Apenas o cutello fatal separou a cabeça do réu foi o corpo alli collocado e entregue ao caritativo confrade para exercer a sua obra de misericordia. Com o cadaver ás costas partiu o bom discipulo de Tobias para o cemiterio a fim de sepulta-lo; mas a que ponto subiu o seu espanto ao sentir, no meio do caminho, as fortes pancadas que o corpo dava no caixão! Este caso foi contado por um homem verdadeiro e por isso não deve duvidar-se da sua exactidão.

Similhantes casos podem provar-se por comparação, pois, excepto na substancia espiritual da alma, a vida do corpo é a mesma no animal e no homem. Sem fallarmos de insectos mui notaveis pela tenacidade da vida, basta que nos refiramos aos movimentos de alguns animaes ainda depois de degolados. Muitas experiencias tem sido feitas com o fim de observar a lucta entre a vida e a morte de alguns

delles, mas só aqui trataremos de dois casos que se acham recommendados por seus auctores. Fontenelle cortou por curiosidade a cabeça a um pavão, o qual cahindo logo se conservou mortal por um minuto: pouco depois levantou-se o morto, e estando em pé minuto e meio sacudiu as azas, e levou o pé ao pescoço parecendo querer coçar-se. Boerhaave esperou um gallo no caminho por onde este costumava passar quando ia comer, e apenas o avistou cortou-lhe rapidamente a cabeça: o gallo apesar de decabeçado andou ainda o espaço necessario para ir cahir junto ao logar aonde se achava a comida. Fontenelle escreveu mais observações, que por nos parecerem exaggeradas não mencionamos.

A que devemos pois attribuir as contorsões nos semblantes daquellas cabeças separadas, e os movimentos dos corpos decabeçados pela guilhotina? Á mera acção machinal dos musculos, respondem os physicos. Mas esta theoria valida não é plausivel, porque ninguem póde marcar o ponto em que cessa a vida, ainda que privado esteja de todo o movimento, de pulso e de respiração. Quem póde affirmar que a alma vóa do corpo no momento em que se lhe corta a cabeça? Quem poderá negar a possibilidade de que continuem por algum tempo, na cabeça separada, as percepções do ouvido e vista, as ideas no cerebro, e até os sentimentos da consciencia? A ninguem é dado affirmar uma cousa, nem negar outra. Quantas cabeças guilhotinadas terão sido privadas de articular palavras por causa, tão sómente, da destruição do orgão da voz? Se assim é, que fataes agonias deverá soffrer a mente dos guilhotinados, talvez durante um quarto de hora, pelo menos, depois do terrivel golpe? Se a alma racional reside na cabeça, que motivo ha para que não continue na sua morada ainda depois da decapitação? E em tal caso, quem dirá que fica no mesmo instante privada do exercicio das suas facultades, se para as conservar não precisa pés nem mãos?

Taes são as conjecturas que alguns auctores appresentam, e que citamos para mostrar as diversas opiniões, sendo a nossa que similhante ponto difficulosamente se poderá averiguar, não passando de supposições tudo o que a este respeito se tem dito.

ORIGEM DAS ARMAS DE FOGO.

A INVENÇÃO das armas de arremesso, como o arco e a frecha, é, provavelmente, coeva com a primeira geração dos homens; não sendo verosimil que a das armas brancas tenha a mesma antiguidade. — Não seria difficil descobrir a força impellente do arco, nem achar missivos bastante solidos para matar animaes bravios; e isso o próva o facto de serem usados pelas tribus mais selvagens da terra. As armas brancas demandam um prévio conhecimento mineralogico para procurar a materia, e conhecimentos metallurgicos para forjar e temperar o ferro. O estado social dos ante diluvianos é-nos tão desconhecido, que forçoso nos será deixa-lo sepultado em densas trevas. — Que Noé e seus filhos tinham noticia dos utensilios de ferro, é cousa de que já se não duvida, e sem isso não poderiam elles construir aquella espaçosa arca fluctuante, que os salvou do naufragio universal. Suppondo, pois, que o uso do aço como arma, data do tempo d'aquelle patriarcha, vejâmos agora que machinas se inventaram depois para inutilisar a defeza dos inimigos.

As machinas começaram a ser conhecidas desde que as nações orientaes fizeram da guerra uma sciencia militar. Nos livros dos reis se conta que «o rei

Ozias fizera uso de machinas inventadas por homens sabios que atiravam das muralhas pedras mui grandes. — Os syrios inventaram depois as *catapultas* para o mesmo fim; — os romanos aperfeiçoaram as ballistas, que nos seculos posteriores foram usadas por quasi todas as nações, até que a descoberta da polvora introduziu as armas de fogo, assumpto principal deste artigo.

Com quanto muita gente repete a polvora uma invenção moderna, acha-se todavia provado que desta composição fulminante se fazia uso desde a mais remota antiguidade. N'um codigo de leis dos Barmas se vê que ella era conhecida de tempos immemoraveis. — Marco Greco, que escreveu no seculo 8.^o, cita especificadamente duas especies de polvora, ambas compostas de duas libras de carvão, duas de enxofre, e seis de salitre, bem moído e misturado n'um almofariz de pedra. — No principio do seculo 8.^o foi usada por Gengis-Khan, o Tartaro, na sua invasão da China. Os mahometanos atiravam aos inimigos foguetes enormes que matavam homens e incendiavam substancias combustiveis. — Rogerio Bacon, inglez, publicou o seu tratado de *Secretis operibus Artis et Naturæ* no fim do seculo 13.^o, no qual dá conta da sua composição de salitre, enxofre e carvão (*). Quando o rei de Tunes entrou no rio Betis, em hostilidade com o rei de Sevilha, trazia a bordo dos navios « certos tubos com os quaes despedia raios de fogo. » Abu-Abdalla, na sua chronica arabe d' Hespanha de 1300, diz que « elrei de Granada Abu-Walid, empregou no assédio de Baza uma grande machina, a qual carregada com *mixtos de enxofre, e dando-lhe fogo, lançava com estrondo globos* contra o alcaçar d'aquella cidade. » Em 1331 outro rei de Granada abriu uma brecha nas muralhas d'Alicante com ballas de ferro *disparadas por certa machina de fogo*. Quando Affonso 11.^o de Castella sitiou Algeciras em 1342, a guarnição da praça « lançava trons contra os inimigos, com pellas de ferro mui grossas. » Estes testemunhos provam que o uso da polvora, assim como o dos canhões e ballas de ferro, tem mais de quinhentos annos, e que se introduzira successivamente nas nações europeas modernas.

Canhões (**).

A construcção dos primeiros canhões era mui tósca: — Compunha-se de barras de ferro soldado, apertadas com fortissimos arcos do mesmo metal. — O calibre era excessivo, como, por exemplo, o de setenta, oitenta, e até cem libras; do que devemos inferir que ou se lhe deitava pouca polvora, ou que esta era de má qualidade. Foi em Hespanha que em 1406 se fundiram os primeiros canhões de ferro.

Arcabuzes.

Descuberto o invento dos canhões, ainda que imperfeito, era natural que se procurasse fazê-los portateis. Os primeiros que appareceram constavam de um cano de ferro posto sobre um pau direito, do comprimento de vara, com um pequeno fogão no topo semelhante em tudo ao canhão; — sustinham-o no braço esquerdo, e com o direito lhe chegavam a

mecha para disparar. Facil é conhecer o fraco pres-timo do invento; porque se no estado de perfeição a que tem chegado o fabrico das armas, se vê que de cem ballas se emprega uma, que aconteceria com o cano posto na ponta de um pau, sustido com a mão esquerda, e occupada a direita em applicar-lhe o fogo á approximação do inimigo? — Pouco depois se melhorou o invento, collocando-se ao lado do cano o gatilho em contacto com a mécha; de fórma que movido aquelle tocava a ponta desta na escorva e disparava. Por este modo se fez uso do arcabuz na Italia em 1430; tendo porem o inconveniente de ser necessario accender a mécha para cada tiro. Assentou-se depois em dobrar o pau ou caixa no lado em que se encostava ao peito, a fim de se poder fazer a pontaria, e d'aquí veio o nome de arcabuz á sobredita arma.

Mosquete.

O mosquete é invento hespanhol (::). Primeiramente tinha o cano de comprimento de vara e meia, o que lhe dava grande alcance; todavia o seu maior merito consistia em poder ser disparado sem a applicação da mécha, por haver-se descoberto uma machina para extrahir faiscas de fogo pela fricção de duas rodinhas de aço encanadas como as chaves das espingardas de Biscaia. A móla tinha cadêa como a dos relogios de mesa, e gatilho semelhante ao das armas modernas; — uma pequena tampa resguardava a polvora na caçuleta, e quando se dava ao gatilho para fazer fogo, levantava-se a tampa, ao mesmo tempo que as faiscas produzidas pelas rodinhas d'aço cahiam na caçuleta e expelliam a balla.

Esta é verdadeiramente a invenção das espingardas actuaes, aperfeiçoada depois pela experiencia. Foi em 1524, na batalha de Pavia, que pela primeira vez se fez uso dos mosquetes, os quaes muito contribuíram para o triumpho dos hespanhoes nesse dia memoravel. — Com um corpo respeitavel de mosqueteiros que o duque d'Alva levou a Flandres, conseguiu este manter nos Paizes-Baixos o dominio castelhano. O general Strozzi introduziu depois o uso do mosquete hespanhol na infantaria franceza; e quando as rodas que serviam de chave ao mosquete foram substituidas por outra chave com pedreneira no gatilho, o nome se lhe mudou então em espingarda, pelo qual nos é geralmente conhecido.

Pistola.

A pistola foi inventada em Pistoia, cidade da Toscana, por Camillo Vitelli, debaixo dos mesmos principios que o mosquete, para della fazerem uso em logar de lança os soldados de cavallaria. O historiadôr Dávila fallando da batalha d'Ivri em 1590, e censurando como desvantajoso o uso da pistola, arma, segundo a sua opinião, inferior á lança, diz: — « O rei por haver adoptado o uso da pistola para a cavallaria franceza viu-se obrigado a dividi-la em pequenos troços, a fim de que os lanceiros inimigos encontrando pequena resistencia passassem de largo. »

Carabinas.

Quando os hespanhoes inventaram o mosquete para a tropa de terra, idearam tambem uma arma mais curta para os marinheiros que navegavam nas

(::) Ao mosquete succedeu a espingarda, que dizem ser inventada em França em 1630, mas que o exercito só começára a servir-se della em 1604. Sobre os novos aperfeiçoamentos, e os nossos melhores armeiros veja-se o artigo inserto a pag. 126 e 127 do 2.^o volume.

(*) Bacon passa por ser o primeiro inventor, ainda que muitos deem essa honra ao frade Bertholdo Schwartz, que dizem a descobri-la mais tarde em 1350.

(**) Reina a mesma incerteza ácerca do invento da artilheria que a respeito da descoberta da polvora. No presente artigo e n'outro sobre a peça de Diu a pag. 61 do 1.^o vol. acharão os leitores o resumo das opiniões mais assentadas nestas materias.

caravellas que cruzavam no mar de levante a fim de protegerem as costas de Napoles e Sicilia contra os turcos e africanos. Tratou-se depois de armar os soldados de cavallaria com esta arma, e d'aqui veio o nome de *carabina* e *carabineiro*. — Os francezes a adoptaram, e a historia de França, mencionando os preparativos que se fizeram em 1599 para a guerra da Picardia, dá noticia de um corpo de soldados de cavallaria denominados carabineiros, que era uma especie de cavallaria ligeira ao serviço de Henrique 2.^o de França. — Montgommery diz «que usavam uma couraça que chegava até o hombro direito, para poderem com mais facilidade menear a cabeça e fazer pontaria. As suas armas eram uma carabina, de mais de vara de comprido, e uma pistola. Pelejavam firmando-se em pequenos esquadrões com pouca frente e grande fundo; a primeira linha atirava primeiro, e voltando-se para os dois flancos passava para a retaguarda, disparando immediatamente a segunda fileira; e assim faziam fogo successivamente, preparando as carabinas para nova descarga.

Espingarda.

Esta arma, assim como a carabina, é uma modificação do mosquete; e parece que os hespanhoes a fizeram mui leve para o divertimento da caça. A primeira noticia que achámos desta arma é n'um decreto do concilio de Tarragona do anno de 1591 em que se prohibe ao clero o uso de espingarda (:::).

Ha varias outras qualidades de armas de fogo que ommittimos por serem de pouca importancia; e concluiremos este artigo dando conta dos appendiculos mais necessarios ás armas de fogo.

Bayoneta.

Para remediar o inconveniente de ter um soldado que puxar pela espada para defender-se de qualquer ataque depois da descarga de espingarda, inventaram os suecos uma adaga larga em punho de madeira, a qual posta na boca da espingarda formava uma arma offensiva. O seu uso, porem, tinha algumas difficuldades; — era outra arma alem da espada, um pouco embaraçosa, sendo o peor de tudo que a espingarda perdia no entanto todo o seu poder e effeito como arma de fogo. Isto deu logar a que um fabricante de Bayona, em França, ideasse outra peça livre de taes inconvenientes; e como o uso dos piques começava a desaparecer, não se tornava necessario dar-lhe tamanho comprimento. Eis a origem da bayoneta, cuja descripção é inutil, por muito conhecida.

Cartuxeira.

A polvora usada ao principio era muito grossa, e tendo-se observado que quanto mais fina mais depressa se incendiava, adoptou-se o methodo de dar a cada soldado dois frascos: — um, grande, com polvora para carregar; e outro, menor, contendo a polvora mais fina para escorvar. — Logo depois se conheceu a desvantagem de carregar durante a acção, e por isso se recorreu ao meio de fazer tiros separados, mettendo a balla n'um canudo de papel cheio de polvora, e torcida a ponta do mesmo canudo ficava a balla segura. Desta fórma bastava morder a ponta do cartuxo pelo lado aonde estava a polvora, mette-lo na espingarda, e carrega-lo uma só vez com a vareta para fazer um tiro.

Ao principio só os carabineiros usavam cartuxos,

(:::) Parece á vista disto que não podem os francezes vangloriar-se de haver convertido o mosquete em espingarda.

trazendo consigo quinze ou dezoito dentro de uma caixinha de lata, repartida em outros tantos vãos, e suspensa por detraz com uma corréa. Adoptados os feixos modernos nas espingardas, fizeram-se tambem cartuxos para a infantaria, que se costumavam trazer n'uma banda ligada á cintura. Pouco tardou que se não conhecessem os defeitos desta pratica, e por isso se recorreu ao expediente das patronas e cartuxeiras que actualmente se usam.

Os bons escriptores moralistas são como os pharóes littoraes: advertem, dirigem e salvam os navegantes do naufragio.

O desprezo da riqueza provem ordinariamente do desgosto de a não ter, ou da incapacidade de alcança-la.

A imaginação é o paraíso dos afortunados e o inferno dos desgraçados.

O atheu é como o engeitado que não conhece a seu pai; é como o animal bruto, commensal no banquete da natureza, que não cuida nem pergunta pelo seu bemfeitor.

Se este mundo é um hospital de doudos, como alguns o qualificam, sem duvida o são mais os que mais intrigam e se affanam para serem seus administradores ou enfermeiros (*).

ANTONIO Peres Calhau, indo por cabo d'uma embarcação, que com outras levava soccorro ao forte de Cabedello no Brasil, sitiado pelos hollandezes, governava o leme, e succedendo dar-lhe uma balla no braço direito; acudiu a tomar o leme seu irmão Francisco Peres, ao que elle respondeu mostrando o braço esquerdo: — «*Para me succeder no posto, ainda tenho este irmão mais chegado.*» E foi continuando a governar com a mão esquerda até que dando-lhe uma balla pelos peitos o matou.

D. João de Mascarenhas dissuadia a elrei D. Sebastião da sua infeliz jornada d'Africa com rasões mui forçosas: mas elrei, como todas se oppunham ao seu gosto, entendia que D. João, por ser já mui velho, estava tonto e votava com menos acerto; e assim perguntou-lhe quantos annos tinha. — «*Senhor, [respondeu o defensor de Diu] tenho vinte e cinco para vos servir, e oitenta para vos aconselhar que não vades a Africa.*»

A ACCELAÇÃO [dizia o imperador Carlos 5.^o] sempre páre filhos abortivos: hade-se pensar de vagar, e executar com promptidão; pois não é segura a diligencia que não nasce da tardança.

Como tratares teus paes, assim serás tratado por teus filhos.

De má natureza é o aggravado que se vingá, e de peor o que sem aggravado faz mal.

(*) Sua Ex.^a o marquez de Maricá imprimiu no Rio de Janeiro, em 1837 e 1839, as suas duas collecções de *Maximas, Pensamentos e Reflexões*, no estylo e gosto das do duque de la Rochefoucauld e d'outros moralistas francezes. Delas extrahimos estas, e de futuro offereceremos mais algumas aos nossos leitores para conhecerem este escripto.